

# PACTUAR NOSSA HISTÓRIA<sup>1</sup>

## O que se passou na Argentina

FÉLIX EUGÊNIO PLAZA<sup>2</sup>

Capitão-de-Corveta (Armada Argentina)

Tradução: Equipe editorial da RMB

A história de nosso país está cheia de desencontros e disputas não resolvidas. Nosso destino parece um contínuo choque entre grupos antagônicos, cujas posições perduram e seus efeitos se estendem por tempo às vezes demasiadamente prolongado.

É evidente que na atualidade também há assuntos pendentes, feridas não cicatrizadas que dividem os argentinos, impedindo, por causa de discussões estéreis e vãs, chegar-se a um ponto de partida sólido com vistas a um futuro como um povo integrado, respeitando-se as diferenças,

enfoques particulares, mas também sem ódios, ressentimentos, e com objetivos comuns em relação à pátria que transcendam a fronteira do tempo.

A guerra contra a subversão e suas sequelas são questões, todavia, ainda não resolvidas. A história não está completamente escrita ou, a que está escrita, não é imparcial e está evitada de ideologia.

É evidente que o assunto pendente dos argentinos é escrever esse capítulo da sua história voltado para o futuro, certamente extraindo lições do passado, mas interpretando-as coerentemente, com equilíbrio.

<sup>1</sup> N. R.: Publicado originalmente no *Boletín del Centro Naval*, nº 794, de abril-junho 1999.

<sup>2</sup> N. R.: O Capitão-de-Corveta Félix Eugenio Plaza ingressou na Escola Naval em 1983. Em 1993, realizou o Curso de Oficial de Guerra de Minas, na França e, em 1996, os cursos de Guerra Anti-Submarina, de Centro de Informações de Combate e Controle Aéreo Anti-submarino nos Estados Unidos. Publicou artigos no *Boletín del Centro Naval*, nas revistas *Desembarco* ("Historia - la llave del futuro", 1995) e *Revista de Publicaciones Navales* ("La guerra de minas, una arma olvidada", em 1996).

A idéia central que quero compartilhar é a de que os grandes conseguiram pactuar seu passado apesar de terem questões que os dividiam, divisões essas que produziram paixões inconciliáveis e até mesmo derramamento de sangue. Conseguiram transmitir ao futuro uma história que ajudasse a união e que não fosse um ponto de discórdia para disputas seculares.

Há exemplos que vi fortalecerem esse ponto de vista. Nos Estados Unidos, a Guerra de Secessão foi um conflito sangrento de grandes proporções e gravidade. Mas, apesar disso, o General Lee, chefe das tropas confederadas, é hoje respeitado e descrito nos livros de História com reverência. Se alguém visitar o Estado da Virgínia, poderá apreciar, nas cercanias da cidade, um museu que leva seu nome. Ou seja, esse homem tem o seu museu para ser sempre lembrado. A outra opção era conservar dele a enganosa impressão de escravocrata imoral, defensor da crueldade e sem a mínima consideração até com seus semelhantes.

O Presidente Richard Nixon, apesar de renunciar a seu cargo em meio a um escândalo de grandes proporções, não é lembrado como um político ambicioso ou corrupto, que se valeu de estratagemas impróprios para atingir o poder. Ele é respeitado pelo lado bom de sua gestão, tanto que nas cercanias de Los Angeles pode-se visitar a Nixon Library, onde sua memória é cultuada.

Em 1996, fazendo parte da tripulação da Corveta *Rosales*, participei do retorno à pátria dos restos mortais do herói naval

épico que, morrendo longe da pátria por problemas políticos, pôde descansar na terra que defendeu com coragem. Seus restos mortais ficaram próximos aos de Rosas, com quem em vida pelejara e por quem morreu no exílio.

Nessa oportunidade, tivemos ocasião de compartilhar alguns momentos com o embaixador argentino no Uruguai, que nos falou da importância do acontecimento e a lição que nos brindava: o transcendente da pacificação dos povos e de atingir o reconciliamento com o passado.

Algo que me causou impacto nessa conversa foi o que ele nos dissera; em outras palavras, a idéia que tratei de expressar acima: os povos maduros utilizam seu passado de forma a tirar ensinamentos e não discórdia, deixando para a posteridade lições e educando a memória coletiva porque a verdadeira dimensão do acontecido pode ser cruel, negativa e não contribuir para o futuro.

Agora, como atingir este objetivo diante dos fatos que foram vividos na década de 70 é uma tarefa difícil. Até que se passem muitos anos, impossível. Mas vale a pena tentar, pelo menos para unir de alguma forma esse passado ao futuro e que a história não registre – por silêncio de uma das facções – todas as baixezas e horrores de alguns sem nada que o equilibre, registrado do outro lado somente uma falsa imagem impoluta que se queira dar.

Meu objetivo hoje é apresentar uma história isenta, que ofenda o menos possível cada lado, mas que guarde uma coerência com a realidade, na qual ninguém tenha

---

**A guerra contra a subversão e suas seqüelas são questões, todavia, ainda não resolvidas. A história não está completamente escrita ou, a que está escrita, não é imparcial e está eivada de ideologia**

---

que se sentir o vilão total, mas que tampouco haja heróis imaculados. Que haja, sim, homens que se equivocaram e acertaram, que atuaram com nobreza e altruísmo, mas também com atitudes menos dignas, oportunismo e cinismo, e isso em ambos os lados.

Existem muitos aspectos a serem discutidos: se houve ou não uma guerra; quando começou a violência na Argentina; se houve ou não terrorismo; se a repressão dos anos 70 foi justa e legal ou sangrenta, doentia e contrária aos direitos humanos; se os desaparecidos eram terroristas ou

jovens magníficos e idealistas; se o terrorismo era parte de uma ação comunista internacional ou era a reação lógica dos jovens democratas aos golpes militares. Todos esses temas deverão ser resolvidos, todos os posicionamentos deverão ser flexíveis e o objetivo deverá ser o de que a Argentina saia fortalecida e aprenda com seus erros do passado.

## O CAMINHO DA VIOLÊNCIA

Talvez o ponto de partida seja estabelecer a data em que a violência começou na Argentina. Em junho ou setembro de 1955? Em junho de 1956, com os fuzilamentos do General Valle e seus seguidores? Durante o segundo governo de Perón, quando perseguiram os opositores que clamavam por liberdade? Em 29 de maio de 1970, com o seqüestro de Aramburu? Ou em 1973, com Campora e sua anistia? Quando, afinal, começou a violência na Argentina?

É evidente que haverá posicionamentos divergentes, mas de uma maneira geral não mais importa saber como e quando começou a violência, já que todos sabemos como terminou, se é que realmente tenha terminado. Quando vemos manifestações que atentam sistematicamente contra a ordem pública camufladas atrás de aparentes reclamações justas; governos que parecem mais preocupados com delinqüentes do que com cidadãos decentes; passeatas de defensores dos direitos humanos que, cheios de soberba, agridem aos que não pensam como eles; mães cheias de dor, mas que são a favor da luta armada e

da revolução socialista, não é descabido pensar que, todavia, não tenha terminado a violência.

Muitos têm pretendido colocar uma data predeterminada como a do início da violência no país, mas creio que é algo com o qual jamais estaremos de acordo. É evidente que houve

violência originária de diversos setores e ela sempre foi respondida pelo setor oposto violentamente.

Em nossa história há vários e nefastos exemplos, já que desde sempre houve homens e setores em luta; desde Moreno e Saavedra, passando por unionistas e federalistas até chegar a peronistas e antiperonistas, azuis e colorados, temos visto muitas divisões e ódios incontroláveis.

Mas, sem remontarmos a demasiadas distâncias no tempo e nos atendo especificamente ao conflito dos anos 70 e suas seqüelas, um lado afirma que os responsáveis pela violência foram os militares que, respaldando um grupo oligárquico no po-

---

## Os povos maduros utilizam seu passado de forma a tirar ensinamentos e não discórdia, deixando para a posteridade lições e educando a memória coletiva

---

der, impediram ao povo de se expressar livremente. Em uma palavra, para eles, os culpados pela violência estão identificados: as Forças Armadas, que ao longo da história tiveram o papel de árbitros na condução da via democrática, mas a interromperam a cada vez que a propuseram.

O outro lado, por sua vez, afirma que a violência subversiva, como chama local do terrorismo internacional, começa na década de 60 e se afirma no início da de 70, tendo como ponto chave o seqüestro e assassinato do General Aramburu.

É evidente que é difícil estabelecer um acordo. Não pretendo detalhar a história, por todos conhecida, nem trabalhar de árbitro e colocar meu ponto de vista. Pretendo chegar a uma conclusão que nos sirva de algo como uma lição para o futuro. Acredito que a história do país teve muitas arestas ríspidas, e se não pudermos identificar a origem cronológica da violência podemos afirmar que esta originou-se de setores diversos e díspares.

Acredito que a justa conclusão e a lição a aprender seja afirmar que, se grupos opostos podem culpar o vizinho de haver iniciado a violência, o realmente certo é que ninguém teve nem a grandeza moral nem a firmeza de vontade para detê-la.

Em uma palavra, podemos não estar de acordo sobre quem iniciou o caminho da incompreensão, mas na história para o futuro deveremos escrever em letras garrafais que ninguém, nenhum setor ou força política, soube dar a outra face para deter a violência. Todos elegeram o caminho mais fácil, o olho por olho, violência pela vio-

lência. Vale a pena buscar a origem ou tirar proveito futuro desta conclusão?

## O CONFLITO DOS ANOS 70 – AS DUAS CAMPANHAS

Embora o conflito que nosso país viveu nos anos 70 tenha sido, quiçá, a época mais negra do último século, todavia o tempo não apagou as paixões e, por isso, é difícil ser objetivo em sua análise.

Muitos atores estão ainda ativos, pelo que é utópico pedir relatos ou crônicas desapassionadas e imparciais; é lógico, eles teriam muito para explicar e responder, e isso em ambos os lados.

No geral podemos afirmar que, ainda que com diversas nuances, há duas tendências: uma, a da guerra justa, defendida pelas Forças Armadas; a contrária é a de que houve uma eliminação preconcebida

---

---

### Se grupos opostos podem culpar o vizinho de haver iniciado a violência, o realmente certo é que ninguém teve nem a grandeza moral nem a firmeza de vontade para detê-la

---

---

dos opositores.

Lamentavelmente, hoje parece que somente uma posição goza de amplos espaços. À outra faltam meios para que se ouça sua voz, fazendo parecer que o debate converteu-se em uma única verdade.

A seguir, procurarei resumir, muito sucintamente, ambas posturas e tentar conseguir algo difícil: o equilíbrio.

## SUBVERSÃO COMO FENÔMENO INTERNACIONAL

Para aqueles cuja posição está mais perto de reivindicar, mesmo que seja em parte, a ação das Forças Armadas na luta anti-subversiva, o fenômeno vivido em nosso país, na década de 70 e fins da década de 60, tem

claras conotações internacionais e se inscreve na política marxista, impulsionada pela União Soviética, de implantar o regime comunista na América Latina.

Esse terrorismo internacional teve seu braço local representado por diversas organizações, cujas principais foram a ERP<sup>3</sup>, a FAL<sup>4</sup>, a FAP<sup>5</sup> e os Montoneros<sup>6</sup>. A idéia desses grupos era ocupar o governo e instalar um sistema de vida distante do modo ocidental e cristão, tradicional de nossa pátria.

Esse processo teve suas ramificações em toda a América Latina cabendo um importante papel à Cuba de Fidel Castro, como enclave comunista no continente e trampolim de lançamento da guerrilha no resto da América do Sul. Há uma documentação variada sobre o assunto, bem

como diversos acontecimentos demonstram essa teoria, obviamente, somente para aqueles que queiram vê-los.

O exemplo eloquente dos que sustentam essa teoria é o propósito do ERP, em Tucumán, de estabelecer um território livre. Seu objetivo era atingir o *status* de nação independente, através de reconhecimento pela ONU, obtido pelos votos dos países comunistas que apoiavam essa figura.

Para essa visão da história, fica claro e evidente o estado de guerra latente em que

vivia o país e o risco iminente de desintegração por que passou o nosso sistema. As Forças Armadas eram a única garantia para sustentar um estilo de vida que pelo menos dava esperanças futuras de alcançar uma democracia. Mas, para conseguí-la, era indispensável destruir o terrorismo.

Sustenta-se, por outro lado, que as organizações guerrilheiras consideravam-se um exército em luta, e mais, consideravam-se o autêntico exército do país. Recorde-

mos o famoso eufemismo de dizer que se havia "recuperado uma arma para o povo" quando um policial era assassinado para roubar-lhe a pistola. Recordemos que os guerrilheiros ostentavam ordens, teriam regulamentos de procedimentos militares, uma justificativa revolucionária, etc.

---

**Lamentavelmente, hoje parece que somente uma posição goza de amplos espaços. À outra faltam meios para que se ouça sua voz, fazendo parecer que o debate converteu-se em uma única verdade**

---

No amparo desta explicação histórica, destaca-se como referência o governo de Hector Cámpora, período em que, como se diz, o terrorismo ocupou francamente o poder. É importante fazer uma interrupção nesse ponto, já que pelas normas legais vigentes que se haviam compilado para fazer frente às ações subversivas, na figura da Câmara Federal – que havia efetivamente condenado terroristas – viram-se truncadas pela anistia concedida por Cámpora e pelo assassinato do Juiz Quiroga.

3 N. R.: ERP (Ejército Revolucionario del Pueblo), braço armado do Partido Revolucionário dos Trabalhadores.

4 N. R.: FAL (Fuerzas Armadas de Liberación), maísta.

5 N. R.: FAP (Fuerzas Armadas Peronistas). Esta guerrilha, do mesmo modo que a FAL, a FAR (Fuerzas Armadas Revolucionárias), os Descamisados e outras organizações de menor importância terminaram fundindo-se aos Montoneros.

6 N. R.: Montoneros (Movimiento Revolucionário Peronista Montonero), organizados como um grupo peronista legal em 1968, emergiram como uma organização terrorista em 1970, quando executaram um ex-presidente argentino.

Esta visão de nosso passado não estaria completa sem mencionar o decreto presidencial que ordenava aniquilar a subversão; o mencionado decreto foi firmado por um governo constitucional e respaldado pela quase totalidade dos dirigentes políticos da época.

Para sustentar as aberrações e o fanatismo dos terroristas, estão presentes os exemplos de guerrilheiros que, ante à perspectiva de serem detidos, preferiam engolir uma cápsula de cianureto, ou de mulheres que se engravidavam antes de uma ação com o objetivo de obterem tratamento especial no caso de serem detidas, ou o caso de armas escondidas em carrinhos de bebês, ou pais protegidos atrás de seus filhos ao enfrentar-se com as forças legais.

Certamente, quem mantém esta explicação reconhece a existência de abusos e violações aos direitos humanos, mas isto é a consequência lógica do tipo de guerra a que se propôs o terrorismo. A opção parecia ser a derrota ou o emprego das mesmas armas.

## O QUE PENSA O OUTRO LADO

O outro lado tenta explicar afirmando que o fenômeno subversivo está superestimado e que, na realidade, o único objetivo que eles buscavam, presumíveis subversivos, era a democracia. Por isso, saíram a combater com armas, já que os outros caminhos de expressão da vontade popular estavam vedados. Eram todos democratas convictos, que queriam a liberdade e que odiavam a opressão. O impulso que os motivava era a irrealidade do sistema político argentino, contaminado, entre outras coisas, mas principalmente, pela ausência de Juan Domingo Perón.

Ainda segundo o outro lado, nesse cenário, nunca houve uma guerra; os militares decidiram por sua conta e risco assumir uma política de extermínio em massa. Toda uma geração foi massacrada somente por pensar diferente. Os terroristas, afirmam, foram na realidade heróis que se opuseram à opressão das classes oligárquica e a de seus lacaios: os militares.

Se se aceita a existência de irregularidades, estas eram a reação lógica dos oprimidos. Afirma-se que aquele momento poderia ter sido resolvido com o império das leis ordinárias. Em compensação, as Forças Armadas adotaram a clandestinidade como norma, a tortura, o seqüestro e a eliminação sistemática como ação rotineira.

Eles persistem na crueldade extrema, exaltando a figura do desaparecido, inocente de todo o mal, fixando seu número em 30 mil, afirmando que todos eles eram jovens íntegros,

exemplos póstumos de uma geração massacrada.

E continuam. Nada nas Forças Armadas permaneceu limpo nesse esquema; todos são igualmente culpados somente pelo fato de terem participado. Os militares e policiais mortos não contam, já que eles sabiam o que lhes poderia passar e ademais não merecem nenhuma misericórdia. São, sem dúvida, os vilões do filme.

Esta visão, em geral, põe o zero da cronologia em 24 de março de 1976, não fazendo quase nenhuma referência ao anteriormente sucedido.

Buscam hoje em dia, como pré-requisito para a reconciliação, uma verdade sobre o desaparecimento de cada pessoa, o nome do responsável e, se possível, o dia, hora, etc. do ocorrido, mesmo que esteja esse nome muito distante da justiça.

---

## Mas, para conseguir a democracia, era indispensável destruir o terrorismo

---

O que deve ficar claro é que não há discriminação possível para os militares; todos os que tiveram algo a ver são igualmente condenáveis. Todos merecem castigo e, os que escaparem da cadeia, a execração social é suficientemente boa.

Ademais, insistem no número de 30 mil desaparecidos como número emblemático para poder afirmar que houve eliminação sistemática e, dessa forma, lograr o envio, de alguma maneira, dos responsáveis às prisões.

Para quem sustenta essa teoria, é impossível a reconciliação. Eles necessitam que os culpados estejam presos, todos os culpados, buscando em cada resquício ou brecha jurídica uma maneira de enviar os militares à prisão, seja na Argentina ou no exterior.

Essa explicação da história – quase unânime ou, pelo menos, a mais divulgada – é a que se ensina nas escolas e que, à força de repetição, se tornou realidade. Mas é a verdadeira? As Forças Armadas realmente saíram matando pelas ruas por um impulso injustificado? Nada da outra versão é autêntico, nem sequer em parte?

## O DESAFIO DA CONCÓRDIA

Como conseguir que ambas as visões encontrem algum ponto em comum? À primeira vista, as duas opções são irreconciliáveis. Mas há um velho dogma que indica que ante uma disputa com duas posições tão conflitantes, o mais provável é que a verdade se encontre em um ponto intermediário.

Isto não quer dizer que ambos ou pelo menos um dos lados minta de forma absoluta e sim que eles buscam partes da realidade, geralmente a que melhor sustente

sua própria teoria, omitindo o que a contradiz. Suponhamos que exista quem realmente defende seu ponto de vista lealmente, mas também existe quem, por trás da história que sustenta, esconde a continuação de sua guerra.

Tampouco quer dizer que a verdade esteja exatamente em um ponto comum. Talvez esteja mais perto de uma versão. Mas, o importante é conseguir algo que nos reconcilie e, aprendendo com os erros do passado, nos conduza a um futuro harmonioso.

O que se segue é uma tentativa de explicação, baseada em partes de ambas as teorias, para tratar de explicar a realidade de nosso passado e, como é a minha intenção, conseguir apagar arestas e alcançar um ponto de concórdia que possa construir o nosso futuro.

## UMA EXPLICAÇÃO PESSOAL

É sabido que, para se implantar o comunismo, buscam-se as falhas que podem existir nos regimes em que se pretende infiltrar. Na América Latina, em geral, o comunismo aplicou puramente seu dogma e impulsionou a luta de classes exaltando as diferenças sociais que existiam e existem no continente. Convencem o pobre e oprimido da benignidade de sua doutrina igualitária. Certamente, aquele que não tem nada a perder quer uma mudança e se essa mudança significar tirar de quem tem para lhe dar, será sempre bem-vinda.

Mas na Argentina havia um problema: se bem que havia a marginalidade, a mesma não alcançava níveis para reproduzir uma revolução social; era um país onde a classe média era maioria. Que fazer, então?

Qual era a falha? Havia uma: o povo estava igualmente oprimido. Por quê? Muito fácil: as instituições do país estavam viciadas, a democracia era irreal. Entre outras coisas, porque Perón, o amado líder das massas, não poderia se candidatar às eleições. A fenda a ser aproveitada para a introdução do marxismo era esse descontentamento e, à falta de luta de classes, substituí-la pelo enfrentamento dos democratas contra os opressores.

Não era novidade. O totalitarismo produz a discórdia, polariza a sociedade, reduz tudo a cinzas para erguer-se com os restos e tomar o poder. Lênin e Stálin aproveitaram a luta de classes. Hitler aproveitou o racismo. Aqui era a democracia com Perón ou a opressão.

Então os subversivos necessitavam atrair gente através da pregação da sua luta pela democracia. Certamente houve muitos inocentes que caíram na armadilha. Eles realmente queriam a democracia, mas, na sua luta, aliaram-se com quem atrás – atrás da máscara – realmente não a queriam. Por acaso, alguma vez se votou livremente em Cuba?

Pode ser que eu esteja subestimando muitos. Mas também houve quem, em sua luta, se aliou conscientemente à subversão, mesmo sabendo de suas verdadeiras intenções. Usá-la para alcançar a democracia e, uma vez lograda, reprimir a subversão. É a explicação mais clara do significado do discurso proferido por Perón na Plaza de Mayo.

Aliar-se com o demônio para conseguir os fins próprios não é novo, o fizeram grandes e inteligentes políticos. Na Segunda

Guerra Mundial, Roosevelt e Churchill lutaram pela democracia ao lado de Stálin. Este último alguma vez representou uma democracia? A resposta é óbvia. A explicação é clara: primeiro, derrotar Hitler depois nos encarregamos de Stálin. O problema foi que Hitler lhes demorou uma década, Stálin e seu regime, 40 anos e, entre ambos, dezenas de milhões de vítimas.

Para a guerrilha, o cenário estava bem traçado. A única falha na progressão argentina era a ausência de Perón e a indevida presença das Forças Armadas no cenário político nacional. Qualquer outra era inviável.

Como pregar a revolução do proletariado

em um país onde operários e outros empregados que reivindicavam o 13º salário anual, férias remuneradas, portanto muito longe de querer a abolição da propriedade privada e a reforma agrária, quando sabiam que com trabalho e economia poderiam obter sua casa própria e a

educação de seus filhos.

É justo agradecer, em parte e retrospectivamente, a Perón, pois a classe operária organizada nos sindicatos por ele moldados era de direita, algo pouco comum em todo mundo. Por esse motivo, os sindicatos foram o melhor anticorpo que teve o país para impedir a invasão do vírus comunista.

No cenário dos anos 70, como em épocas anteriores a partir de 30, as Forças Armadas ocuparam o espaço vazio deixado pelos setores da sociedade. Incumbiram-se naturalmente do poder pretendendo governar o país, missão que não lhes era própria, mas que, com o apoio e a cumplicidade de grandes setores da sociedade, o

---

---

**Esta explicação da história é a que se ensina nas escolas e que, à força de repetição, se tornou realidade. Mas, é a verdadeira?**

---

---

assumiram. Mas não estavam preparadas. Não era a sua tarefa.

Por outro lado, naquele momento, a guerra que o terrorismo propôs era diferente. Nenhum Exército do mundo sai incólume da experiência da guerra revolucionária. Os exemplos são eloqüentes: os Estados Unidos no Vietnã, a França na Indochina e na Argélia, etc. Quando um exército, ou melhor dizendo quando as Forças Armadas devem fazer frente ao desafio e recorrer à contra-insurgência, é inevitável que se politize. Ao adotar ferramentas que não lhes são próprias, inevitavelmente sua essência se altera.

As Forças Armadas adotam a doutrina de guerra revolucionária desenvolvida pelos Estados Unidos e pela França, em particular a francesa. Adotam ferramentas não tradicionais. A experiência é traumática e possivelmente equivocada, mas o que é injusto e

inadmissível é pretender julgar com os parâmetros de hoje as ações ocorridas em um contexto muito diferente.

Nas Forças Armadas, a maioria obedeceu as ordens convencida de que era a saída para dar ao país uma verdadeira democracia e nisso acreditavam realmente de boa-fé. Também é certo, lamentavelmente, que houve outros que aproveitaram a alternativa em proveito próprio e delinquindo e manchando uma luta que era iniludível enfrentar.

Merece um parágrafo à parte a análise dos métodos empregados, mas isso já é conhecido e suficientemente discutido. Não creio ser necessário nem conveniente pretender justificá-los, muito menos reivindicá-

los, mas tampouco é justo que se analisem como se houvessem surgido espontaneamente, sem causa que os motivara.

Para lograr o propósito deste ensaio, que é chegar a uma explicação de que hoje precisamos, vou me concentrar num ponto histórico importante, deixado de lado em uma explicação e não usado de forma inteligente em outra. Esse ponto é o 1º de maio de 1974.

Nesse dia o velho caudilho falou ao seu povo. Nesse dia era o presidente de todos os argentinos. Todos os setores mencionados, se tiveram realmente a intenção que pregavam, não tinham mais motivos para a

luta. Os 18 anos de proscricção de Perón havia terminado. A democracia por fim reinava, seriamente, no país. O líder ausente havia vencido, na queda-de-braço, o mal que lhe impuseram. Ele tinha dado seu "couro" para retornar ao país.

Então, por que continuar a luta? Por que a imagem de Perón, ansiada por mais da metade da população – boa parte desta metade nunca tinha tido o prazer de ver o líder pessoalmente, via-o como uma lenda transmitida por seus pais –, teve de ser vista através de um vidro opaco, antibalas? Quem foi culpado disso? É claro que não foram as Forças Armadas.

Onde estavam os culpados? Sua localização era muito clara. Estavam ao pé do palanque portando cartazes que os identificavam: ERP, Montoneros, FAR, FAP, FAL e outros. Eram forças armadas, porém não as constitucionais e orgânicas.

O mesmo Perón, que havia usado essa "juventude maravilhosa" chamando-a "For-

---

---

### **Mas, o importante é conseguir algo que nos reconcilie e, aprendendo com os erros do passado, nos conduza a um futuro harmonioso**

---

---

mações Especiais" (vale o eufemismo), sabendo claramente que se escondia atrás delas, subestimou-as. Nesse dia, a realidade de que muitos viam distorcida ele a viu ampliada pelo cristal antibalas. A "juventude maravilhosa ou jovens impetuosos" se transformaram de repente em crianças insolentes.

A cordialidade havia terminado. A crua realidade estava diante de todos. Perón os havia cortejado, mas não comparilhava suas idéias. Esses grupos estavam confusos diante das declarações feitas por Perón ainda no exílio: ele não tinha guinado para a esquerda. O povo, na sua maioria guiado por ele, seguia querendo a casa própria mais do que a abolição da propriedade privada, uma pequena quinta no fundo do seu terreno mais do que a reforma agrária.

Lamentavelmente, esse vidro blindado impediu muitos jovens de ver claro que estavam sendo arastados de forma irremediável à desgraça.

Para sorte de nosso país, o rogo das massas estava longe de ser a pátria socialista. O povo argentino, equivocado ou não, em sua maioria peronista, nesse dia estava pleno e feliz. Não necessitava mais do que potencialmente já tinha e, por suposto, o que menos necessitava era a violência proposta pelas organizações guerrilheiras que arrogavam falsamente sua representação.

## O QUE DEVE CEDER

Os partidários da explicação mais difundida – a da matança – têm para a sua história, a que proponho como concórdia, todas as opções a seu favor, porém sem omi-

tir esse dia e essa blindagem que ofuscava a visão. Tudo o mais eles têm; a violência começou no ponto em que se deseja: 1930, o 14 de junho de 1955, o 16 de setembro de 1955. Não importa. Prontamente os militares atuaram. Isso é verdade. Aceitamos os pontos indicados pela outra facção, mas não deixem de lado o 1º de maio de 1974.

Os feitos ocorridos posteriormente a 24 de março de 76 são conhecidos de sobra, não se pode hoje escondê-los ou justificá-los. Foram terríveis. Tudo está reconhecido, mas, no futuro, não esqueçam do cristal blindado porque ele estava ali presente.

Isso é o que devem ceder, condescender

o que não podem explicar. Por que – se Perón estava onde o queriam, se já podiam ver o futuro com esperança – continuaram a guerra? Quais eram seus objetivos? Que fins perseguiam? A quem representavam?

Devem somente reconhecer que o que

havia por trás da guerrilha, se bem que composta por jovens idealistas e bem-intencionados, não era a busca de uma democracia, que haviam ganhado, sendo duvidoso que seus dirigentes a tivessem legado ao país na forma que a Argentina tem hoje.

Por outro lado, ao ganhar as Forças Armadas, se bem que tardiamente e a um terrível custo em termos de vidas, a democracia ganhou.

O lado dos partidários da explicação da guerra justa levada a cabo pelas Forças Armadas cedeu tudo à história. O escrito por outros setores até agora é absolutamente tendencioso, mas não se pode apagar nem reverter. Somente se deve resgatar esse momento de maio de 1974 e ater-se a ele.

## A SÍNTESE HISTÓRICA - A EXPLICAÇÃO DE CONSENSO

O comunismo internacional evidentemente tentou introduzir-se em nosso país buscando a porta entreaberta que era a ausência de Perón e os sentimentos opostos que essa realidade despertava no país. Sua finalidade estava longe de querer estabelecer uma democracia, mas utilizou eficazmente essa máscara, levando a milhares de argentinos bem-intencionados e autenticamente democráticos uma torrente de sangue que nenhum dique de coerência pode conter.

Vale dizer, houve um grande grupo de argentinos que, com um fim louvável, foram usados pela subversão, cujos fins não eram nem sublimes nem louváveis. Por outro lado, houve quem subestimou e pretendeu usar o terrorismo, equivocando-se igualmente. O erro explodiu em seus rostos, pois, obtida a democracia, os guerrilheiros não se conformaram, queriam outra coisa.

A guerrilha faz uso de suas armas tradicionais: o assassinato de militares, sindicalistas, políticos, policiais, vítimas inocentes de todos os tipos. Seu objetivo último é claro: impor um sistema político e social distinto, nem mais nem menos.

As Forças Armadas, com o objetivo de eliminar a subversão e sob as ordens de um governo democrático, apelou para o uso de ferramentas impróprias. Ao utilizar as mesmas armas que seus inimigos, elas se rebaixaram ao nível deles e talvez mais. Por outro lado, entre suas fileiras surgiram oportunistas que buscavam seu próprio benefício. Porém, deixemos claro que esses foram a exceção e não a norma.

Ao dar o golpe de Estado em 1976, a cobertura do decreto constitucional perde força e a partir daí a responsabilidade por tudo realizado passa a ser das Forças Ar-

madas, isto supondo que com a cumplicidade e a passividade de toda a sociedade. Sociedade que em sua grande maioria não temia as Forças Armadas, a fábula do temor permanente aos militares é isso, uma fábula. O cidadão comum, em sua grande maioria, podia desenvolver sua vida em total normalidade.

É verdade que os meios de comunicação não podiam expressar-se na plenitude, havia censura prévia e atores proibidos; havia temas que não se podia debater e idéias que não se podia defender, porém o argentino da rua vivia quase com normalidade.

Voltando ao golpe de 76, é ali onde se perde legitimidade. A matança que se seguiu foi sangrenta, aparece a figura do desaparecido, os métodos inenarráveis, etc. Já é conhecido, não se pode ocultar; foi reconhecido. Hoje, todos sabemos que esse passado não voltará.

Hoje não se pode fazer um balanço entre as baixas de quantos mortos e desaparecidos de um setor eram terroristas conscientes, co-autores de atos violentos, quantos jovens idealistas confusos, quantos inocentes vítimas de ambições pessoais, quantos erros injustificáveis, ou inclusive quantos caídos em desonras na mais vil pilhagem; o não ter existido o devido processo é uma justificativa carente de sentido e de rigor. O certo é que houve de tudo.

Mas também deve estar viva a recordação dos que tombaram do outro lado, quase mil: militares, policiais, políticos, empresários, sindicalistas, gente comum vítima de bala perdida, crianças. Eles também têm família e essas famílias sofrem. É certo que eles têm uma tumba, porém não é justo esquecê-los.

Porém, o que também deve ser registrado é que chegar a esses extremos fez com que a democracia daí derivada fosse mais

forte. Pode alguém hoje afirmar com certeza que com a guerrilha ativa gozaríamos desse estado atual?

Quiçá, se aceitarmos esta explicação, num futuro não muito longe, em lugar de

construir um “monumento ao desaparecido”, com contornos ideológicos, possamos construir um “monumento aos mortos” de todos os setores, com contornos de sensatez e reflexão.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:  
<POLÍTICA> / Comunismo /; Subversão; Argentina;

A mais bela dádiva que podemos outorgar aos outros é um bom exemplo.

*Robert Morrison*

\*

Um bom exemplo é mais valioso que milhares de argumentos.

*William E. Gladstone*